

O ORLANDO FURIOSO E GENEALOGIA MÍTICA DA CASA D'ESTE

Marília de Azambuja Ribeiro¹

Resumo

O presente artigo se propõe a analisar a inserção da genealogia mítica dos Estenses, contida no poema épico *Orlando Furioso* de Ludovico Ariosto, no contexto da tradição literária destas escrituras genealógicas medievais.

Palavras-chave: Orlando Furioso – genealogia mítica – Casa d’Este

Abstract

This article aims to analyze the insertion of Estense’s mythical genealogy contained in *Orlando Furioso* (The Frenzy of Orlando), the epic poem of Ludovico Ariosto, in the context of the literary tradition of these medieval genealogical writings.

Keywords: Orlando Furioso – mythical genealogy – d’Estes

A partir da década de 1950, alguns estudiosos do medievo europeu, em particular da França medieval, seguindo o convite feito alguns anos antes por Marc Bloch, passaram a dedicar-se ao estudo da evolução da nobreza e das relações entre essa e a cavalaria.

Dentre estes, personagem de grande relevância foi Léopold Génicot, cuja pesquisa sobre as famílias do condado de Namur na Baixa Idade Média² tornou-se um importante ponto de referência desta historiografia, visto que suas pesquisas puseram em evidência o fato de que a nobreza medieval é independente da cavalaria e anterior a ela³.

Seu exaustivo trabalho sobre a documentação relativa a esta pequena região do Império permitiu-nos não somente seguir com atenção a evolução cronológica da terminologia utilizada para identificar as categorias sociais daquele tempo, mas também de conhecer um número enorme de genealogias familiares cuidadosamente reconstruídas pelo autor.

Ao interrogar-se sobre “as origens” da nobreza medieval, Génicot acabou por confrontar-se com outro importante objeto de investigação: a estrutura familiar da nobreza da Baixa Idade Média. Vemos aí, então, o surgimento de uma nova linha de estudos, voltada, pela primeira vez, para a memória que os componentes da nobreza conservavam de seus antepassados.

¹ Professora no Departamento de História da UFPE.

² GÉNICOT, L. *L’Economie namuroise au bas Moyen Age, II: Les hommes, la noblesse*. Louvain: Bibliothèque de l’Université, 1960.

³ Confutando as teses do próprio Marc Bloch, o qual acreditava que, extintas as famílias nobres da Alta Idade Média, uma nobreza inteiramente nova teria se constituído a partir da *militia* feudal. DUBY, G. *A sociedade cavaleiresca*. São Paulo: Martins Fontes, 1989, p. 13.

Teve início assim um movimento para recensão sistemática dos fragmentos conservados daquela literatura genealógica que floresceu entre o século X e o início do século XIII em várias partes da Europa central, assim como dos ficheiros, encontrados a partir do século XIV, elaborados com o fito de provar a nobreza de algumas famílias. Escritos que revelam o cuidado que esses homens tinham em celebrar a sua memória familiar.

Tal literatura, freqüentemente, esgotada a memória a respeito dos antepassados conhecidos, analogamente ao que tinham feito os reis francos, ligava as origens da família a um ancestral mítico, em geral, um cavaleiro, cujos feitos heróicos justificam o surgimento e a afirmação social da linhagem.

É tendo em vista este mesmo tipo de construção mítica do passado familiar que acreditamos poder inserir o *Orlando Furioso* – poema épico escrito no primeiro quartel do século XVI por Ludovico Ariosto (1474-1533) – na tradição literária destas escrituras genealógicas.

O poema de Ariosto, propõe-se a dar continuidade ao incompleto *Orlando Innamorato* de Matteo Mario Boiardo (1441-1494) – fonte mais relevante e imediata de Ariosto, da qual este retira os dois principais temas de sua história: a paixão não correspondida do paladino Orlando por Angélica, princesa de Catai, e a educação e conversão ao cristianismo do príncipe pagão Ruggiero, antepassado mítico destinado a casar com a donzela guerreira Bradamante e fundar a linhagem da família d’Este.

Dando grande destaque à ética cavaleiresca e às regras de cortesia do universo aristocrático, Ariosto inter-relaciona as aventuras dos cavaleiros do passado e uma celebração dinástica da Casa d’Este com o ambiente cortês e os conflitos político-militares do ducado de Ferrara, importante centro cultural do Norte da Itália, controlado pela família Estense desde 1267 e possuidor de uma rica e luxuosa corte onde o escritor nasceu e viveu, e para a qual prestou seus serviços como literato e homem político.

Em seu livro, ele narra-nos uma série de episódios imaginários em que os paladinos de Carlos Magno se encontrariam envolvidos no momento em que o rei franco via a cidade de Paris sitiada pelos muçulmanos, os quais, após terem conquistado a Espanha, teriam conseguido derrotar os exércitos do imperador e avançar pelo interior do território francês.⁴ Ariosto dá continuidade à importante tradição literária da “matéria carolíngia”,⁵ a qual

⁴ Tal fato não possui qualquer equivalência na realidade histórica. Historicamente, o único povo que assediou Paris durante o domínio da dinastia carolíngia foram os Normandos, no ano de 885.

⁵ Conjunto de obras de argumento cavaleiresco, escritas durante a Baixa Idade Média, nas quais são narradas aventurosas empresas do imperador Carlos Magno e de seus paladinos. Tem como texto inaugural a famosa *Chanson de Roland*, cujo manuscrito mais antigo remonta ao final do século XI, onde nos é contada a história da traição e morte de Rolando (*Roland*) – sobrinho dileto do rei Carlos – na batalha de Roncesvalles.

teve grande êxito na Itália dos séculos XIII-XV, como atestam os vários poemas e cantares cavaleirescos alusivos às origens, ao nascimento, à infância e à juventude venturosa de Orlando, transposição para o italiano do francês *Roland*.

Se, por um lado, é bastante evidente que não podemos aceitar o modelo literário do cavaleiro errante como ponto de partida para uma pesquisa sobre o significado social da nobreza ou da cavalaria,⁶ por outro, também não podemos ignorar a influência que o modelo literário cavaleiresco exerceu na construção do imaginário social das elites européias entre os séculos XII e XVI.

Alhures⁷ tivemos a possibilidade de averiguar que no contexto italiano dos primeiros anos do século XVI, em que a Península Itálica era marcada por uma realidade de instabilidade política e de fragmentação territorial, no momento em que servia de campo de batalha para as novas grandes potências européias, eram pelo menos três os elementos que compunham o ideal de nobreza no seio da sociedade italiana: a *guerra*, a *virtude* e o *sangue*.

O primeiro deles diz respeito às relações que se podem estabelecer entre a idéia de nobreza e o ideal de cavalaria, diante do problema da conservação da *honra* frente às últimas transformações na arte da guerra e do desenvolvimento das armas de fogo. O segundo, por sua vez, diz respeito à convergência, na constituição no conceito de ‘nobreza’, de concepções medievais e humanísticas ligadas à noção de *virtus*. O terceiro, e único de que aqui nos ocuparemos, refere-se à importância da ligação entre nobreza e linhagem.

A idéia de *nobilitas*, desde a Antigüidade, tem sido aplicada tanto a pessoas de grande valor pessoal como a membros de uma classe superior, ou ainda aos beneficiários de um *status* de exceção; antes de tudo, baseia-se fundamentalmente na idéia de pertencimento a um grupo, ao qual vem atribuído um espírito e uma atitude de classe ou mesmo de casta.⁸

Segundo os estudos mais recentes, a implantação, na Europa medieval, de um modelo dinástico para a transmissão de poder ocorre ao longo do século X, quando uma classe senhorial dominante, apropriando-se de um domínio territorial autônomo, torna-se cada vez mais independente em relação ao poder real. Enquanto, no tempo dos primeiros carolíngios, os benefícios provinham do exercício de funções públicas e a distribuição dos cargos dava-se entre parentes ou aliados, sem limitar-se de modo algum à primogenitura ou a algum

⁶ KEEN, M. *La Cavalleria*. Napoli : Guida, 1986, p. 30.

⁷ RIBEIRO, M. de A. *O ‘Orlando Furioso’ e o ideal de ‘nobreza’ na Ferrara renascentista*. Dissertação de Mestrado em História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (UFRGS), 2001.

⁸ GÉNICOT, L. *La Noblesse au Moyen Age dans l’Ancienne “Francie” : Continuité, Rupture ou Évolution?* In: *La Noblesse dans l’Occident Medieval*. London: Variorum Reprints, 1982, pp. 52-53.

tipo de linhagem agnática,⁹ a partir do fortalecimento desta aristocracia fundiária, estabelecida nos antigos territórios do *Regnum Francorum*, vê-se favorecido o progressivo domínio de uma linhagem masculina que, aos poucos, transformar-se-ia na única forma de transmissão hereditária da autoridade, da fortuna territorial, do título e do sobrenome familiar. Na passagem do século X para o século XI, o poder da nobreza passa a fundamentar-se unicamente no nascimento e na qualidade da descendência. Nesse momento a memória genealógica surge, então, como principal constituinte da identidade social deste grupo, o cerne de sua coesão e o sustentáculo de sua preeminência.¹⁰

A partir de então, as distinções sociais passaram a ser determinadas pela qualidade do *sangue*. O sangue se tornou garantia de virtude e de honra, pois dele – dos dois sangues que se misturavam no ventre maternal – provinham os privilégios. A relação de sangue se expressa numa relação de ascendência e, por conseguinte, numa relação de memória: cada linhagem deve necessariamente evocar seus predecessores, os pais dos quais herdaram suas prerrogativas genéticas. Quanto mais distante no tempo se pudesse remontar a árvore genealógica da família, quanto mais antigo fosse seu tronco, maior seria a glória acumulada, mais esplêndido o valor da descendência, melhor assegurada a nobreza.¹¹

A partir desta noção de raça a concepção de família passa a ser permeada pela idéia de hereditariedade da estirpe e o poder transforma-se num privilégio fundado no nascimento e na qualidade dos antepassados. A glória passa a ser transmitida de pai para filho juntamente com o nome de família,¹² o qual, fazendo referência a uma posse territorial – berço da família – indicava o pertencimento a uma “Casa”, a uma linhagem; índice de uma filiação, de uma consangüinidade, esse nome da casa-tronco da estirpe era também o suporte da memória familiar.¹³

Herdeiro dessa tradição dinástica que lentamente difundiu-se no seio da nobreza européia pós-carolíngia, Ariosto, ao longo de todo *Orlando Furioso*, demonstra preocupação com a identificação das origens familiares de suas personagens, sejam estas reais ou fictícias, principais ou secundárias, novas ou

⁹ Até então, a noção de nobreza fundava-se em relações de parentesco muito mais amplas, que reconheciam todas as linhas biológicas criadas de filiações e alianças matrimoniais, fossem essas masculinas e femininas; consistia num grupo vago e impreciso de aliados (*Sippe*, para os alemães ou *cousinage*, para os franceses) onde os todos filhos e filhas participavam da herança fundiária. vd. HEERS, J. *Clan familiare nel Medioevo: studi sulle strutture politiche e sociali degli ambienti urbani*. Napoli : Liguori, 1976, pp. 35-36.

¹⁰ DUBY, G. “Le Lignage (X-XIII siècles)”. In: NORA, P. *Les Lieux de Mémoire: La Nation*. Paris: Gallimard, 1984, p. 31

¹¹ *Ibidem*, p. 33-34.

¹² HEERS, J. *Clan familiare nel Medioevo...* Op. cit., p. 42.

¹³ DUBY, G. *A sociedade cavaleiresca...* Op. cit., p. 114.

pertencentes à tradição literária. A grande maioria delas são apresentadas e classificadas para o leitor por modalidades de parentesco.

...”Era costui quel paladin gagliardo,
figliuol d’Amon, signor di Montalbano”¹⁴ ...

...”Il nome mio fu Astolfo; e paladino
era di Francia, assai temuto in guerra:
d’Orlando e di Rinaldo era cugino,
la cui fama alcun termine non serra;
e si spettava a me tutto il domìno,
dopo il mio padre Oton, de l’Inghilterra”¹⁵ ...

... “ - Io credo che ciascun di vui
abbia de la mia stirpe il nome in pronto;
che non pur in Francia e Spagna e i vicini sui,
ma l’India, i’Etiopia e il freddo Ponto
han chiara cognizion di Chiaramonte”¹⁶ ...

...”(de le case di Francia instrutto a pieno,
la madre di Dudone esser sapea
Armeline sorella di Beatrice
Ch’era di Bradamante genitrice)¹⁷...”

Em todos esses momentos, a parentela apresenta-se como um elemento de prestígio e de reconhecimento social que pertence a um código cultural e ideológico socialmente partilhado. Entretanto, na última das citações anteriores (Canto XL, 80) encontramos uma importante diferença em relação às demais: nela há referida uma linha de ascendência por via feminina. Este recurso narrativo poderia ser considerado como uma expressão da sobrevivência, no interior dessa sociedade baseada em linhagens agnáticas, da importância dos laços de parentesco estabelecidos através de “mulheres ilustres”, que, pertencendo às grandes dinastias – reais ou imaginárias – da Europa medieval, ainda representavam um importante elo de ligação com estas Casas.

Para além do campo das idéias e da literatura, sabemos, através de uma série de pesquisas realizadas nos últimos anos no âmbito das relações familiares da nobreza europeia medieval, que o papel cumprido pela parentela feminina (cognática) continuaria a ser relevante enquanto elemento do sistema de formação de vínculos de solidariedade para as famílias nobres. O vínculo

¹⁴ (O. F. - Canto I, 12) “Era esse aquele paladino galhardo [Reinaldo], filho de Aymon, senhor de Montalvão”.

¹⁵ (O. F. - Canto VI, 33) “O meu nome era Astolfo, e como paladino da França era assaz temido em guerra; era primo de Orlando e de Reinaldo, dos quais a fama nenhuma palavra pode descrever. Estava-me reservado todo o domínio de meu pai Otone, da Inglaterra”..

¹⁶ (O. F. - Canto XX, 5) “- Eu creio que cada um de vocês recorde o nome da minha estirpe. Não somente a França, a Espanha e seus vizinhos, mas também a Índia, a Etiópia e a Ásia Setentrional conhecem a fama da Casa de Clermont”.

¹⁷ (O. F. - Canto XL, 80) “(bem conhecendo as Casas da França, sabia que Armeline, mãe de Dudone, era irmã de Beatrice, mãe de Bradamante)”.

conjugal (horizontal) permanece sempre como instrumento para definição de um sistema de alianças e estas, na prática, contavam tanto, ou mais, que a ascendência.¹⁸

Assim, o matrimônio podia servir para reforçar a solidez de uma estirpe, pois dele, muitas vezes, dependiam a paz, a prosperidade e a glória da família. Utilizado como meio para aumentar sua ramificação e sua influência, era através dele que se podiam estabelecer relações com outra “Casa” e assim integrar novos fiéis na própria clientela: o homem não esposava somente uma mulher, esposava a sua situação social e a sua raça¹⁹ – os matrimônios uniam famílias que tinham um passado comum de honra e de serviço, preservando de impurezas a antiga nobreza.

No caso da família estense, podemos atestar a existência de vínculos familiares entre seus membros e os de algumas das mais importantes famílias regentes da Itália desse período, como os Gonzaga de Mântova, os Malatesta de Rimini e os Sforza de Milão, entre outros. Através dessas relações de parentela, certamente procuraram preservar sua posição territorial e garantir a paz com o seu *vicinato*, conseguindo manter, dessa forma, a necessária solidariedade política e militar.

No item que segue, tentaremos compreender melhor o uso que a família regente de Ferrara fez dos mecanismos desse universo onde a parentela e sua articulação consistiam no princípio de organização social da classe governante e onde encontramos, de um lado, a transmissão vertical das condições materiais, do patrimônio e do prestígio adquirido, e, de outro, uma rede de sustentação fundamental para atingir os objetivos e a afirmação política da família.²⁰

Os Estenses

Os Estenses, como outras famílias de marqueses da Itália setentrional – dentre elas os Malaspina e os Pallavicino – são *Obertenghi*, isto é, descendem de Oberto I. Este aparece na qualidade de conde, segundo consta em documento de 945 a 948, e depois, marquês, a partir de um registro de Berengario II,²¹ rei da Itália, de 23 de janeiro de 951. O marquesado a ele concedido parece inicialmente ter compreendido os condados de Gênova, Tortona, Bobbio e Luni, e talvez também o de Milão. A estes territórios teriam se juntado mais tarde os de Gavello e de Monselice, nos quais veremos os Obertenghi exercerem seu poder a partir do século XI.

¹⁸ DUBY, G. *Le Lignage...*, p. 39.

¹⁹ LABATUT, J.-P. *La nobiltà europea (secoli XV-XVIII)*. Bologna: il Mulino, 1982, p. 90.

²⁰ CASANOVA, C. *La Famiglia Italiana in Età Moderna*. Roma: Carocci, 1997, pp. 43-44.

²¹ Rei da Itália de 950 a 966.

Oberto envolveu-se nas disputas de poder entre Berengario II (950-966) e Otão I (912-973).²² Num primeiro momento, mostra-se fiel ao rei da Itália, mas em 960 dirige-se a Alemanha e alia-se ao governante germânico, pelo qual é enviado de volta à Itália, em 961, obtendo novamente o marquesado e provavelmente também o título de conde do palácio – benefício típico do período otôniano, em que, abandonando-se o antigo sistema carolíngio de cargos centralizados, concedia-se aos vassalos reais o domínio sobre as cortes régias, bem como muitos dos direitos que anteriormente eram exercidos pelo *vicecomes*²³ (ital. *gastaldo*) em nome do soberano. Foi deste modo que novas famílias, surgidas ao longo dos séculos IX e X, receberam o direito sobre aquelas cortes que antes lhe tinham sido destinadas em condição de vassalagem, e algumas delas como os Arduici, os Canossa, os Aleramici, os Anscarici e os próprios Obertenghi obtiveram a posse de territórios bastante vastos.

Tendo morrido Oberto I em 975, seu filho mais célebre, Oberto II, apoiou Arduíno²⁴ (c. 955-1014) em suas lutas com o imperador Henrique II, o Santo, tendo ao fim todos seus bens sido confiscados por Henrique (1014) e seus filhos conduzidos como prisioneiros para a Alemanha. Um deles, Alberto Azzo I, tendo restituída sua liberdade em janeiro de 1018, pôde retomar sua condição de marquês em terras italianas²⁵ e dar continuidade à política expansionista de seu pai, alargando seu território e seu patrimônio em detrimento de possessões e direitos eclesiásticos. Seu único filho, Alberto Azzo II, seria o responsável pela transferência, em torno de 1073, do centro de poder da família para o castelo de Este, nas Colinas Euganei, a sudoeste de Pádua, “casa” da qual deriva então o nome deste ramo do tronco obertengo.

Mesmo conservando sua importância política no interior da história italiana ao longo dos séculos XI e XII, somente a partir de sua transferência para Ferrara²⁶ a família Estense consolidaria sua posição no centro de poder de

²² Rei da Alemanha de 936 a 973, foi coroado imperador do Sacro Império em fevereiro de 962.

²³ No período lombardo e franco, dignitário com funções administrativas nas várias cidades do reino e seus respectivos territórios.

²⁴ Marques de Ivrea e rei da Itália a partir 1002.

²⁵ Como vimos, isso tornou-se uma realidade possível graças à atribuição da autoridade soberana as famílias marquesais durante o período otôniano, a partir do qual a antiga aristocracia passou a fundamentar seu poder na transmissão hereditária do exercício da autoridade em um determinado território, e a nobreza deixou de estar ligada à função pública, estendendo-se a todos aqueles que pertenciam a famílias daqueles que exerciam ou haviam exercido cargos administrativos.

²⁶ Esta cidade, que primeiramente tinha pertencido ao exarcado bizantino, depois tornou-se possessão lombarda e, em seguida, foi confiscada por Carlos Magno e concedida ao Papado; sucessivamente, foi conferida como feudo ao sobrinho do imperador Otão I, Tedaldo, conde de Módena e Canossa. Como muitas cidades na Lombardia e na Emília, Ferrara conseguiu

um núcleo urbano e estabeleceria seu lugar definitivo no contexto político italiano tardo-medieval. Diante do constante fortalecimento e enfraquecimento de senhorios locais da Itália centro-setentrional, é significativo o fato de que seu domínio sobre a cidade se estendesse por quase três séculos, durando até 1598, quando esta voltaria para as mãos do Papado.

Foi durante o período em que Ferrara adotara uma forma de governo comunal, e o poder oscilava nas mãos das grandes famílias feudais da região, sendo a supremacia local dividida entre os Adelardos, de tendência guelfa e os Salinguerras (Torelles), de tendência gibelina,²⁷ que Obizzo I d'Este estabeleceu suas raízes na cidade. Todavia, foi seu filho Azzo VI (Azzolino) d'Este quem, desposando Marchesella, recebeu a hereditariedade política de seu pai Adelardo, último membro da família dos Adelardos, quando este veio a morrer no ano de 1185. Em seguida, após um período de disputa pelo poder político entre Estenses e Salinguerras, no ano de 1240, Azzo VII (Azzo Novello) d'Este, neto de Obizzo I, tendo derrotado militarmente o partido adversário, dá início à hegemonia estense em Ferrara, a qual, em 1264, transformar-se-ia num senhorio formal, com a proclamação por plebiscito de Obizzo II como senhor permanente de Ferrara.²⁸

Neste sentido, se, por um lado, a ascensão da família estense ao domínio hereditário sobre Ferrara e sobre um vasto território circundante encontra-se intimamente ligada ao crescimento e ao desenvolvimento da cidade como importante centro político e cultural,²⁹ por outro, de acordo com as formulações de Karl Ferdinand Werner, podemos afirmar que o êxito dinástico Casa d'Este encontra-se também intimamente ligado ao desenvolvimento de seu ducado, ainda que a nobreza encontrasse no exercício da função pública o

estabelecer sua autonomia comunal em meio à confusão política originada nas disputas entre guelfos e guibelinos.

²⁷ Guelfo e gibelino eram os nomes dos dois partidos políticos medievais que se formaram na Alemanha do século XII em meio às lutas pela sucessão ao trono imperial. A fama destes dois partidos dinásticos alemães se difundiu na Itália a partir de Florença, onde em 1215 grupos políticos antagônicos assumiram esses mesmos nomes. Durante as disputas entre o Papado e o imperador Frederico II e seus sucessores, o partido papal passou a ser chamado de guelfo e o partido imperial de gibelino. Contudo, no contexto italiano, a denominação de guelfo e gibelino só excepcionalmente correspondeu a uma efetiva postura política em relação ao Papado ou ao Império, na grande maioria das vezes, exprimia os interesses políticos e econômicos de facções rivais no interior das comunas italianas.

²⁸ Convém destacar que, durante o século XIII esta mudança de uma forma de poder democrático, mas instável como a Comuna, para um despotismo de caráter familiar e hereditário comparativamente mais seguro, como o senhorial, foi uma transformação relativamente generalizada nas cidades da Itália centro-setentrional.

²⁹ GUNDERSHEIMER, W. L. *Ferrara estense: lo stile del potere*. Modena: Panini, 1988, p. 13.

seu verdadeiro papel social e que a solidariedade e a coesão do núcleo familiar possuísem sua única razão de ser na existência de um certo patrimônio.³⁰

Deste modo, cabe a nós agora justamente examinar o que o autor do *Orlando Furioso* nos relata a respeito da rede de parentela da Casa d'Este e de que forma ele manipula a genealogia desta família, seu sistema de alianças e seus personagens históricos, instrumentalizando o seu texto para uma afirmação do direito à primazia política por parte desse grupo familiar.

..”Di cui fra tutti li Signori illustri,
Dal ciel sortiti a governar a terra
Non vedi, o Febo, che ’l gran mondo lustrì,
Più gloriosa stirpe o in pace o in guerra,
Né che sua nobiltade abbia più lustrì
Servata, e servirà (s’in me non erra
Quel profetico lume che m’inspira)
Fin che d’ intorno al polo il ciel s’aggiri”³¹...

Num relevante trecho de *Orlando Furioso* que se estende da 25^a a 62^a oitava do III Canto, Ariosto descreve uma genealogia dos Estenses que, em parte imaginária e em parte baseada em antigas tradições e crônicas, apresenta dados da evolução familiar de modo impreciso ou contraditório no que diz respeito aos acontecimentos históricos de que atualmente temos conhecimento. Devido à própria extensão de tal trecho e o limitado proveito que se obteria de sua análise integral, nos limitaremos a comentar determinadas passagens que consideramos particularmente interessantes.

Primeiramente, gostaríamos de destacar dois “equívocos” de Ariosto na construção de sua genealogia da Casa d'Este. O primeiro deles refere-se a uma união matrimonial que nunca existiu, entre a filha do Imperador Otto I e Alberto Azzo II d'Este, o qual, na verdade, fora casado com Cunegonda, irmã de Guelfo III, rei da Baviera:

...”Ecco Albertazzo, il cui savia consiglio
torrà d’Italia Berengario e il figlio;
e sarà degno a cui Cesare Otone
Alda, sua figlia, in matrimonio aggiunga”³²...

Trata-se, talvez, de um possível resquício na memória familiar da aliança entre Oberto I e o sacro-imperador, que mais acima mencionamos. Contudo, de qualquer modo, essa “troca de esposas” certamente proporciona

³⁰ WERNER, K.F. *Nascita della nobiltà: lo sviluppo delle élite politiche in Europa*. Torino: Einaudi, 2000.

³¹ (O. F. - Canto III, 2) “Dentre todos os ilustres senhores escolhidos pelo Céu para governar a Terra, não verás, ò Febo, sob a luz do sol, família que seja mais gloriosa na paz ou na guerra, nenhuma que tenha conservado nobreza mais ilustre, e conserva-la-á (se não se engana a profética iluminação que me inspira) até o fim dos tempos”.

³² (O. F. - Canto III, 26-27) “Eis Albertazzo, cujo sábio conselho libertará a Itália de Berengário e seu filho; e por isso, será digno de receber de Oto sua filha Alda em matrimônio”.

uma forma de estabelecer um reforço simbólico dos laços de ligação entre a Casa d'Este e a dinastia imperial.

Do mesmo modo, na 29ª oitava do mesmo capítulo, o autor refere-se a um certo Azzo II e seus dois filhos, Bertoldo e Albertazzo, personagens na verdade estranhos à ascendência dos Estenses, informando-nos que o terceiro deles teria contraído matrimônio com Matilde de Canossa (1046-1115), filha de Bonifácio da Toscana e maior senhora feudal da Itália setentrional durante o século XI – cujas possessões haviam incluído Parma, Módena, Reggio e Ferrara, ou seja, praticamente todo o território do futuro domínio da Casa d'Este. Talvez simplesmente uma confusão dessa Matilde com outra, irmã de Guglielmo, bispo de Pavia e mulher de Alberto Azzo II d'Este, ou talvez o reflexo de um desejo de legitimação de um poder local expresso na tradição dinástica desta família, que sabia ter realmente adquirido ao menos parte de seus domínios por meio do matrimônio.

Por outro lado, ao longo deste mesmo trecho de *Orlando Furioso* encontramos também a menção de episódios historicamente verificáveis, tal como a conquista de Módena em 1288 e Reggio em 1289 por parte de Obizzo II.

...”Or Obizzo ne vien, che giovinetto
dopo l’avo sarà principe eletto.
Al bel domínio accrescerà costui
Reggio giocondo e Modona feroce”³³...

Mais adiante, Ariosto faz igualmente referência à concessão do título ducal a Borso, filho de Nicolò III d'Este, que sucedeu o irmão Leonello em 1450. Este obteve primeiramente o título de duque de Modena e de Reggio – feudos imperiais – da parte de Frederico III, em 1452, para depois, somente em 1471, receber do papa Paulo II o título de duque de Ferrara.

...” e vedi il primo duce,
fama de la sua età, l’inclito Borso,
che siede in pace, e più trionfo adduce
di quanti in altrui terre abbino corso”³⁴...

Também nos parece bastante significativa a parte que Ariosto dedica ao duque Ercole I, na qual menciona num primeiro momento suas obras de beneficiamento das terras e sua atividade urbanística:

...”fia de le paludi mossa
tra campi fertilissimi da lui;
(...) la farà con muro e fossa

³³ (O. F. - Canto III, 39-40) “Então vem Obizzo, que ainda jovem, após o avô, será eleito príncipe; E ao seu domínio incorporará o alegre Reggio e a feroz Módena”.

³⁴ (O. F. - Canto III, 45) “E vê-se o primeiro duque, o inclito Borso, glória de seu tempo, que governando em paz e assim alcançará mais triunfo que outros tantos que em terras estranhas aventuraram-se”.

meglio capace a' cittadini sui,
e l'ornarà di templi e di palagi,
di piazze, di teatri e di mille agi”³⁵...

A qual conclui falando sobre a imensa gratidão do povo de Ferrara por ele ter gerado tão “*inclita prole, il giusto Alfonso e Ippolito benigno*”,³⁶ os dois senhores a quem Ariosto serviu: respectivamente, o duque e o bispo de Ferrara na passagem do século XV para o XVI.

Além das referências familiares acima colocadas, encontramos no decorrer do Canto XIII um longo trecho todo dedicado às ilustres mulheres da família Estense:

... “pudiche donne,
madri d'imperatori e di gran regi,
reparatrici e solide colonne
de case illustri e do domini egregi”³⁷...

Nesse trecho, Isabel d'Este seria a primeira a ser mencionada, como filha de Ercole I, unida em matrimônio com Francesco II Gonzaga, marquês de Mântova. Essa foi mulher de grande cultura e protetora das artes, com a qual Ariosto manteve atestada relação de amizade:

...”d'opere illustri e di bei studdi amica,
ch'io non so ben se più leggiadra e bella
mi debba dire, o più saggia e pudica,
liberale e magnanima Isabella”³⁸...

Entre outras mulheres da mesma família que as tinham antecedido no tempo, além de Isabella, também são louvadas “por suas virtudes”: sua irmã, a duquesa Beatrice d'Este, esposa de Ludovico Sforza, o Mouro; sua mãe Eleonor de Aragão, filha de Ferdinando de Aragão, rei de Nápoles, a qual vem celebrada, como fora anteriormente o marido Ercole, pela sua ilustre descendência; e sua cunhada, Lucrecia Bórgia, filha do papa Alexandre VI e irmã de Cesar Bórgia, segunda esposa de Alfonso I d'Este, louvada por ser possuidora

...”di singular beltà, di gran prudenzia,
e d'ogni altra lodevole eccellenzia”³⁹...

³⁵ (O. F. - Canto III, 48) “fará do terreno pantanoso campos muitos férteis (...) construirá muralha e fosso para melhor proteger seus cidadãos, e adornará a cidade de templos e palácios, de praças, teatros e mil comodidades”.

³⁶ (O. F.- Canto III, 50) “*inclita prole, o justo Alfonso e o benévolo Ippolito*”.

³⁷ (O. F. - Canto XIII, 57) “pudicas mulheres, mães de imperadores e de grandes reis, zelosas e sólidas colunas de ilustres famílias e domínios egrégios”.

³⁸ (O. F. - Canto XIII, 59) “amiga das obras ilustres e dos belos estudos, que não sei dizer se é mais graciosa e bela, ou se mais sábia e pudica, a liberal e magnânima Isabella”.

³⁹ (O. F. - Canto XIII, 70) “de singular beleza, de grande prudência e todas as demais louváveis excelências”.

e por ter dotado de costumes régios Ercole II e seus outros filhos, de modo que seus descendentes, seguindo os seus ensinamentos, poderiam demonstrar sua virtude “*in toga e armati*”⁴⁰.

Nessa referência ao modelo real de educação acreditamos poder ver refletida mais uma vez a existência de um código de valores compartilhados pela nobreza italiana tardo-medieval, no qual o *principe* de caráter regional, na medida em que possui os mesmos direitos, deveria também possuir as mesmas qualidades de um grande monarca ou de um imperador. Ora, para os Estenses, que concebiam a si mesmos como aristocratas ideais de acordo com o modelo carolíngio, nada mais natural que querer acreditar que estes atributos lhes teriam sido transmitidos através do sangue.

A Raça de Carlos Magno

À primeira vista pode parecer paradoxal o fato de os mesmos humanistas italianos que desprezavam ostensivamente a cultura ‘bárbara’ do Norte terem demonstrado grande admiração pela figura de Carlos Magno. No entanto, convém notar que, se por um lado a instauração do Reino Franco transcende a história da Itália, por outro não é estranha a esta. Em 774 a dinastia franca anexou aos seus territórios itálicos aqueles que antes haviam pertencido ao Reino Lombardo.

Na verdade, a lembrança do rei carolíngio permaneceu viva nos quadros mentais de toda a Europa, como podemos constatar na vasta produção erudita de cunho laico ou clerical que, entre os séculos IX e XVI, faz alusão à figura de Carlos Magno ou o menciona expressamente. Transformado em soberano mítico, teve sua imagem apropriada e o seu nome e seus feitos evocados a fim de atender a interesses diversos. Tendo composto a maior unidade territorial do Ocidente após a fragmentação do Império Romano, Carlos Magno, desde o princípio, imprimiu uma imagem que se tornou de alguma forma símbolo de representação política⁴¹.

Ao longo do *Orlando Furioso*, poema épico que, como vimos, encontra suas raízes na “matéria carolíngia”, Carlos Magno aparece antes de tudo como modelo do imperador cristão, soberano eleito por Deus para governar e defender o seu povo.

...” L’imperatore il dì che ’l dì precesse
de la battaglia, fe’ dentro a Parigi
per tutto celebrare uffici e messe”....
(...) “Et egli tra baroni e paladini
principi et oratori, al maggior tempio
con molta religione a quei divini
atti intervienne, e ne diè agli altri esempio”...

⁴⁰ (O. F. - Canto XIII, 71) “tanto na paz quanto na guerra”.

⁴¹ FOLZ, R. *Le Souvenir et Légende de Charlemagne dans l'Empire germanique médiéval*. Paris: Société d' Edition les Belles Lettres, 1950.

(...) “Giunse altri prieghi e convenevol voto
al gran bisogno e all’alto suo splendore.
Non fu il caldo pregar d’effetto vòto
però che ‘l genio suo, l’angel migliore
i prieghi tolse, e spiegò al ciel le penne,
et a narrare al Salvador li venne”⁴²...

Todavia, tendo em vista a própria temática deste capítulo, nos preocuparemos mais particularmente com a lembrança deste soberano enquanto representação simbólica de um modelo dinástico, enquanto imagem da união de parentesco de todos os príncipes sob um único Deus e um único imperador. Como sabemos, as grandes famílias da nobreza européia – a fim de glorificar sua Casa e de afirmar a sua própria política territorial – buscaram difundir a crença de que derivavam do tronco real, buscando mostrar-se de ascendência carolíngia, ao menos por via feminina.

Segundo Werner, entre os três modelos existentes de reino cristão, Império Bizantino, Império Carolíngio e Sacro Império Romano, somente o segundo – o da estirpe franca – poderia cumprir a função simbólica de origem dinástica da nobreza européia – visto que o primeiro, além da distância geográfica, não mais possuía uma representatividade política relevante no contexto europeu, e o terceiro, embora tivesse sempre conservado o primeiro posto no âmbito da hierarquia das monarquias européias, não era o mais apropriado para servir de modelo dinástico por ter apresentado um caráter eletivo durante longos períodos de tempo.⁴³

O desejo de comprovação da própria condição de nobre associada a essa ilustração de uma origem ancestral encontrou-se representado naquela literatura de cunho genealógico que, florescendo no decorrer do século XI,⁴⁴ tornou-se um lugar comum no seio da aristocracia européia. Essas obras, tomando como modelo o paradigma da realeza, se caracterizavam pela ênfase dada à glória dos antepassados daqueles que mandavam executá-las e exprimiam, em última instância, a necessidade de legitimação de um poder, através da exaltação da virtude do soberano, e a preocupação com a idéia da transmissão de uma ‘honra’.

⁴² (O. F. – Canto XIV, 68, 69 e 73) “O imperador no dia que precedeu o dia da batalha, fez celebrar ofícios e missas em toda Paris; E ele entre barões e paladinos, príncipes e oradores, no maior dos templos, interveio com muita fé nos ofícios divinos, dando assim exemplo aos demais; Fazendo outras preces e um solene voto, condizente com a sua grande necessidade e a sua suprema posição. Não foram vãs as ardorosas preces; pois seu anjo da guarda, que era o melhor dos anjos, as preces acolheu, e ao Céu conduziu suas misérias, e ao Salvador foi então narrá-las”.

⁴³ WERNER, K.F. *Nascita della nobiltà...* Op. cit., pp. 93-94.

⁴⁴ O mais antigo texto deste tipo foi composto pelo cônego Dudon a pedido de Ricardo I, duque da Normandia. DUBY, G. *Le Lignage...* Op. cit., p. 51.

Ao longo do século XII, devido à influência das narrativas épicas então produzidas nas cortes, o tecido narrativo deste tipo de literatura sofreu um notável enriquecimento, abrindo-se para a lenda e permitindo a seus autores a criação de ancestrais míticos. Visto que, como demonstrou Werner,⁴⁵ a própria memória coletiva dos grandes senhores conservava esquemas genealógicos que não se estendiam para além dos séculos IX e X⁴⁶ – antes dos quais não haviam ancestrais conhecidos – estes autores, numa tentativa de ultrapassar o limiar cronológico no qual se detinha a própria memória familiar, adotaram o expediente de inventá-los.

Empenhados em remontar a raiz da linhagem ancestral ao passado mais remoto que pudessem recuar, voltaram-se para aquele momento privilegiado descrito pelas canções de gesta, a época carolíngia, e, aventurando-se pelo mito, imaginaram como primeiro antepassado das famílias principescas um estrangeiro jovem e bravo, filho de um príncipe ou de um simples cavaleiro que, notável por suas qualidades guerreiras, na maioria das vezes conquistara seu senhorio por meio de um casamento.⁴⁷

Dessa forma, esse modelo de memória dinástica, que num primeiro momento estava ligada somente àquelas linhagens mais nobres, ao longo do século XIII – como consequência do processo de proliferação de senhorios locais que possibilitou a incorporação à nobreza de novas dinastias regionais provenientes da classe cavaleiresca – difundiu-se progressivamente no seio de toda a nobreza feudal pós-carolíngia.

Mesmo na Itália, onde o poder episcopal e o precoce desenvolvimento da autonomia comunal impediram as ambições de hegemonia territorial das grandes famílias de condes e marqueses, podemos encontrar a confluência de tal modelo no interior da classe dos *majores*, grandes possuidores de terra que, na maior parte dos casos, exerceram ativa participação política e administrativa no governo das comunas italianas, sobrevivendo longamente na mentalidade familiar das grandes linhagens da nobreza citadina a que estes pertenciam e de onde emergiram aquelas dinastias que vieram a exercer as várias formas de poder senhorial nos séculos XIV e XV.

⁴⁵ WERNER, K. F. *Untersuchungen zur Frühzeit des französischen Fürstentums*. Die Welt als Geschichte, 1960. Suas idéias são mencionadas por DUBY, G. *A sociedade cavaleiresca...* Op. cit., p. 104.

⁴⁶ Enquanto, na França a memória das famílias comitais chega ao início do século X, na Itália a documentação consente de reconstruir genealogias a partir do séc. VIII, bem como de identificar a presença de um “ordo parentale” entre os séculos VIII e XI. Essa precoce dinastização da nobreza italiana parece encontrar suas razões na fragilidade das circunscrições públicas na Alta Idade Média e no fortalecimento do poder local durante o período da dominação lombarda.

⁴⁷ DUBY, G. *A sociedade cavaleiresca...* Op. cit., pp. 133-134.

Com efeito, através da persistência histórica do modelo carolíngio, podemos compreender a permanência da preocupação com a celebração dinástica localizada no interior de *Orlando Furioso*. Como vimos, se, por um lado, este se configura como um poema épico inserido no âmbito das lendas que se desenvolveram no domínio da imaginação literária em torno do imperador Carlos Magno e seu sobrinho, o conde Rolando – no italiano, Orlando – por outro, apresenta em sua trama a glorificação dos feitos de Ruggiero, ancestral mítico da Casa d’Este, família regente da cidade Ferrara, para a qual Ariosto prestava serviços militares, políticos e artísticos.

...”Voi sentirete fra i più degni degni eroi,
Che nominar con laude m’apparecchio,
Ricordar quel Ruggier, che fu di voi
E de vostri avi illustri il cepo vecchio:
L’alto valore e chiari gesti suoi...”⁴⁸

Na perspectiva mítica empreendida por Ariosto, este era filho de Ruggiero II de Reggio (Risa) na Calábria e de Galaciella, filha de Agolante, rei da África. Ruggiero III encontraria as origens da sua linhagem paterna em Astianatte, filho do troiano Heitor que “*escapando das mãos de Ulisses, depois de vagar longamente pelo mar, aportou na Sicília e dominou Messina*”⁴⁹ e espalhando seu sangue em Roma e alhures, tornou-se o progenitor dos senhores da Calábria e de vários imperadores, “*de Constâncio e Constantino ao rei Carlos, filho de Pepino*”.⁵⁰

Esta mesma história já era narrada, de forma mais completa, no *Orlando Innamorato* de Boiardo (III, V, 18 e sgs.): Astianatte, filho de Heitor, tendo sido trocado por outro menino, por sua mãe Andrômaca, escapa da morte nas mãos dos gregos durante a destruição de Tróia e é levado a salvo para a Sicília, onde, adulto, casa-se com a rainha de Messina. Opondo-se, mais tarde, aos gregos, por eles foi morto. Sua esposa, então, vê-se constrangida a fugir para Reggio, onde daria à luz a Polidoro. De Polidoro nasceria Polidante, e deste Floviano, pai de Clodovaco e Costante. Em Costante teria origem o ramo familiar de Carlos Magno e em Clodovaco, o ramo de Giambarone e de Buovo d’Agreimont.⁵¹

Desta forma, tal genealogia busca o estabelecimento de uma ligação mítica direta entre as linhagens da nobreza medieval européia e a nobreza da

⁴⁸ (O. F. - Canto I, 4) “Entre os mais dignos heróis que me proponho louvar, encontrareis lembrado aquele Ruggiero que de vós e de vossos ilustres antepassados foi tronco. Se quiserdes honrar-me escutando-me, ouvireis a narrativa de seu alto valor e de suas brilhantes proezas”.

⁴⁹ (O. F. - Canto XXXVI, 70) “escapando das mãos de Ulisses; depois de vagar longamente pelo mar, aportou na Sicília e dominou Messina”.

⁵⁰ (O. F. - Canto XXXVI, 71) “cominciando a Costante, e a Constantino, sino a Re Carlo figlio di Pipino”.

⁵¹ Esta genealogia corresponde àquela presente no *Reali di Francia* e no *Fioravante*, textos da tradição literária italiana.

época imperial romana, a partir da idéia de que as grandes famílias feudais encontrariam raízes comuns nos mesmos progenitores troianos. Seguiu ao mesmo tempo duas importantes tradições genealógicas, uma antiga e outra medieval que, se interpenetrando e se complementando, desde há muito têm servido como uma forma simbólica de legitimação de poder: de um lado, a literatura clássica latina, que inaugura com a *Eneida* de Virgílio a crença na ascendência troiana do povo italiano; de outro, o imaginário carolíngio que, reclamando para si a continuidade do Império Romano, também evocava origens troianas para o povo franco.⁵²

Outro aspecto interessante na construção da lenda originária estense diz respeito à escolha do nome Ruggiero como denominação para seu heróico progenitor. De acordo com a tradição literária, como já vimos, Ruggiero aparece como uma apropriação, por parte de Boiardo, do personagem *Ricciari de Risa*, paladino de Carlos Magno no *Reali di Francia*. Entretanto, não podemos deixar de considerar que a própria invenção de uma descendência para a Casa d'Este a partir de um Ruggiero – nome recorrente na família real normanda – proveniente de Risa (Reggio, na Calábria) – região do sul da Itália conquistada pelos normandos no séc. XI, possa derivar de uma simpatia para com a dominação normanda no sul da península em detrimento da presença grega⁵³ e muçulmana, bem como do estabelecimento de relações políticas entre a dinastia normanda e a Casa d'Este, como podemos ver expressa na união de Ugo de Maine, filho de Albertazzo Azzo II d'Este, com a filha de Roberto Guiscardo, duque de Puglia e Cálabria,⁵⁴ cujo irmão, Rogério I, foi o responsável pela expulsão dos bizantinos e dos muçulmanos da Sicília, respectivamente, no ano de 1071 e de 1092.⁵⁵

Valoroso guerreiro destinado a perecer traído pela Casa de Mogúncia (*Manganza*),

...”Avea il Signor, che ‘l tutto intende e vede,
Rivelato al santissimo Eremita,
Che ruggier da quel di ch’ebbe la fede,
Dovea sette anni, e non più, stare in vita;

⁵² Sobre os mitos de origem aplicados às dinastias reais da França nos séculos XIV e XV, vd. BEAUNE, C. *Naissance de la nation France*. Paris: Gallimard, 1985.

⁵³ A identificação da cultura italiana com a cultura clássica romana também se expressa através de uma hostilidade para com os povos de origens grega, inimigos históricos de Tróia, os quais, por sua vez, através de sua descendência bizantina, representaram por longo tempo um elemento desagregador nos territórios do *Regnum Italicum*. No interior da tradição literária italiana, convém lembrar que, na própria *Divina Comédia* de Dante, podemos perceber a presença desta postura negativa diante dos gregos, neste caso, visto, sobretudo como pagãos.

⁵⁴ CARETTI, L. *Nota Critica al Testo dell’“Orlando Furioso”*. In: MATTIOLI et alli (orgs.). *La Letteratura Italiana e Testi*. Milão: Ricciardi, 1954. Vol. XX, p. 1082.

⁵⁵ Outro vínculo matrimonial que se estabeleceu entre os Estenses e as dinastias da Itália Meridional foi o casamento de Azzo VIII com Beatriz de Anjou, filha de Carlos II, rei da Sicília

Che per la morte che sua donna diede
A Pinabel, ch'allui fia attribuita
Saria, e per quella ancor di Bertolagi,
Morto dai Maganzesi empi e malvagi”⁵⁶...

Ruggiero é um personagem construído a partir de uma noção de *destino* que exprime uma idéia de “divinização” do sangue e de sacralização da descendência. Descendência que teria origem na união de Ruggiero com a jovem Bradamante, nobre donzela da Casa de Montalvão, filha do duque Amon e irmã do paladino Reinaldo – progenitora do primeiro dos Estenses.

Dessa forma, a ligação por casamento destas duas personagens passa a corresponder completamente aos modelos da tradição sucessória medieval, pois segundo G. Duby, a mulher, de modo geral, teria o seu papel em trazer à linhagem que compõe uma contribuição de renome, isto é, de nobreza. Na grande maioria das vezes, foi através das mulheres que as grandes famílias da Europa medieval ligaram seu herói à estirpe carolíngia. Assim, o lado materno era um importante qualitativo: no sangue transmitido pela mãe estaria uma parcela da glória que possuíam os seus nobres ancestrais.⁵⁷

Retornando uma vez mais ao texto ariostano, gostaríamos de destacar novamente a importância da afirmação de uma noção de sacralização da raça e de celebração da descendência a que acima nos referimos, transcrevendo três importantes momentos do poema, em que, através do uso da “visão profética” enquanto recurso narrativo, Ariosto exalta a nobreza da prole de Ruggiero e Bradamante.

(Merlim fala a Bradamante)
...” Favorisca fortuna ogni tua voglia
O casta e nolissima donzella,
Del tuo ventre uscirà il seme fecondo
Che onorar deve Itália e tutto il mondo”...
...” L’antiquo sangue che venne de Troia,
Per li duo miglior rivi in te commisto,
Produrrà l’ornamento, il flor, la gioia
D’ogni lignaggio ch’abbi il sol mai visto
Tra l’Indo, e’l Tago, e ’l Nilo, e la Danoia,
Tra quanto è ‘n mezo Antartico e Calisto:
Ne la progenie tua con sommi onori

⁵⁶ (O. F. – Canto XLI, 61) “Tinha o Senhor, que tudo sabe e vê, revelado ao santíssimo eremita, que Ruggiero do dia em que fosse batizado viveria somente sete anos, pois seria morto pelos Moguncianos ímpios e malvados, que nele vingariam as mortes de Pinabel e de Bertolagi”.

⁵⁷ DUBY, G. *A sociedade cavaleiresca...* Op. cit., p. 166. Sobre a conservação da importância, durante os séculos XIV e XVI, do elemento de prestígio no que diz respeito à ascendência feminina vd. KLAPISH-ZUBER, C. *La maison e le nom: stratégies et rituels dans l’Italie de la Renaissance*. Paris: Editions de l’EHESS, 1990.

Saran marchesi, duci e imperatori”⁵⁸...

(Alcina fala a Ruggiero)

...” il ciel vuol che sia per te concetto
La gloriosa e soprumana prole
Ch’esser de’ al mondo più chiara che ’l sole⁵⁹...”

(Eremita fala a Ruggiero e Reinaldo,
irmão de Bradamante)

...”Acciò che de le due progenie illustri
che non han par di nobiltade al mondo,
nasca un lignaggio che più chiaro lustrì
che ’l chiaro sol, per quanto gira a tondo:
E come andran più inanzi et anni e lustri
sarà più bello, e durerà, (secondo
che Dio m’ispira, acciò ch’a voi nol celi),
fin che terran l’usato corsi i cieli⁶⁰...”

Entretanto, era ainda preciso estabelecer um vínculo ancestral entre a família Estense e as terras italianas. Tal vínculo dar-se-ia, segundo o mito, através da personagem de Ruggiero (IV), único filho de Ruggiero e Bradamante, que, pelos serviços concedidos ao imperador carolíngio nas lutas contra os lombardos, receberia o feudo de Este, a “Casa” a partir da qual sua dinastia se prolongaria.

⁵⁸ (O. F. - Canto III, 16-17) “Que a Fortuna favoreça todos os teus desejos, ò casta e nobilíssima donzela, de cujo ventre sairá o sêmen fecundo que honrará a Itália e todo o mundo; O antigo sangue que vem de Tróia, do qual em ti se reuniram os dois melhores veios, ha de um dia de ser o ornamento, a flor e a alegria de todas as linhagens que o sol ilumina, entre o Indo e o Tejo, o Nilo e o Danúbio, entre o espaço que se estende entre os pólos. Na tua prole de sumárias honras haverão marqueses, duques e imperadores”.

⁵⁹ (O. F. - Canto VII, 60) “o Céu quer que a ti seja concedida uma prole gloriosa e sobre-humana que no mundo brilhará mais que o sol”.

⁶⁰ (O. F. - Canto XLIV, 10) “Das vossas duas ilustres famílias, que são as mais nobres do mundo, nascerá uma gloriosa linhagem que resplandecerá mais que o claro sol, enquanto durar o universo; e quanto maior for o número de anos decorridos, será sempre mais bela e resplandescente, pois essa há de durar (de acordo com a minha inspiração divina) enquanto durar o mundo”.

...”Vedi quel primo che ti rassimiglia,
Ne bei sembianti e nel giocondo aspetto;
Capo in Itália fia tua famiglia,
Del seme di Ruggiero in te concetto;
Per mano di costui la terra aspetto,
E vendicato il tradimento e il torto
Contra quei che gli avranno il padre morto”...
...”Per opra di costui sarà deserto
Il re de Longobardi Desiderio;
D’Este e di Calaon per questo merito
Il bel domino avrà del sommo Império”⁶¹...

Com tudo o que foi dito até aqui, acreditamos poder afirmar que toda essa história dentro da história não seria senão uma expressão da permanência da importância do reconhecimento da antigüidade de uma raça e o desejo de duração da estirpe enquanto valor distintivo entre aqueles que governam e aqueles que são governados, pois através da afirmação da nobre ascendência e dos valores físicos e morais de seus antepassados míticos, a família Estense construiu para si uma identidade familiar e buscou reivindicar o direito de manter a posição de poder que tinha conquistado.

⁶¹ (O. F. - Canto III, 24-25) “Vês aquele primeiro que a ti se assemelha no belo semblante e no aspecto alegre: do sêmen de Ruggiero em ti concebido sairá o primeiro de tua família na Itália. Por sua mão espero ver o sangue de Poiteirs escorrer na terra e então ver vingado a traição daqueles que assassinarão seu pai; Obra sua será a derrota de Desidério, rei dos lombardos: e por este mérito receberá o belo domínio de Este e de Calaon do sumo imperador”.